

SEQUÊNCIAS
(1980)

RAY CHARLES

Marcelo Sandmann*

“Ray Charles” é poema do livro *Sequências* (1980) e integra série intitulada “América, América, I Love You”. Como de costume em Sena, vem datado ao final: 15/3/1964.

Sabe-se do apreço pela música por parte do poeta. Quando novo, foi aluno de piano e acalentou seguir carreira. Não tendo dado continuidade ao projeto, fez da música, assim como fez das artes plásticas, tema de sua poesia. Todo um livro, *Arte de música* (1968), trata do assunto. Os poemas aí reunidos têm em vista grandes obras e grandes mestres da tradição erudita, de Dowland a Schoenberg, com uma exceção: Edith Piaf. O juízo que faz da música popular fica explícito no “Posfácio”: “a chamada música popular ou popularizada de qualquer país (ou tida como tal pelos turistas de músicas nacionais) me é profundamente odiosa”.

Curiosamente, “Ray Charles” data do período em que foram escritos a grande maioria dos poemas de *Arte de música*, os últimos anos em que viveu no Brasil. (Sena viveu no país entre 1959 e 1965.) A música vibrava então como fértil matéria de poesia. Mas é menos pela música em si, e mais como ponto de partida para uma aguda crítica social e política, que Sena evoca a figura do artista.

Ray Charles brilhava no cenário da música popular no início dos anos de 1960. Mesclando o *rhythm blues* ao *gospel*, havia ajudado a sedimentar a *soul music*, importante síntese da música negra norte-americana. Interpretando também *standards* da canção, do *jazz* e do *country*, transitava por uma ampla gama de gêneros, atingindo um variado público e recebendo importantes premiações. Estrela maior do *show business*, rico e afamado, com a conturbada vida pessoal escancarada pela imprensa, viajava pelo mundo todo naquele início de década, acompanhado por sua *big band*. Em setembro de 1963,

alguns meses antes de Sena escrever o poema, havia feito sua primeira turnê ao Brasil. No dia 19, a apresentação no Teatro Cultura Artística, em São Paulo, seria filmada e levada ao ar, em 22, pela TV Excelsior, atingindo um amplo público. Seu nome e sua música estavam no ar.

Estavam também no ar, por aqueles dias, notícias de um mundo mergulhado na Guerra Fria. E dos Estados Unidos, um dos protagonistas do conflito, chegavam notícias especialmente candentes: o crescimento do Movimento dos Direitos Civis; o assassinato do ativista afro-americano Medgar Evers (12/06/1963); o discurso de Martin Luther King contra a discriminação racial em grande manifestação em Washington, D.C. (28/08/1963); o assassinato do Presidente John F. Kennedy (22/11/1963); o crescente envolvimento do país na Guerra do Vietnam.

Para Sena, Ray Charles será, sobretudo, pretexto para um severo apanhado dos Estados Unidos.

O poema abre de modo contundente: “Cego e negro, quem mais americano?” E, na sequência da estrofe, o retrato pouco lisonjeiro, marcado por contradições: “Com drogas, mulheres e pederastas,/ a esposa e os filhos, rouco e gutural,/ canta em grasnidos suaves pelo mundo/ a doce escravidão do dólar e da vida.” Esboçado o retrato, este será reiterado na estrofe final: “Cego e negro, uivando ricamente/ (...) sob a chuva de dólares e drogas/ as dores da vida ao som da bateria,/ quem mais americano?”

Entrementes, ao longo da composição, a “voz” do cantor, “em sábias agonias aprendidas pelos avós ao peso do algodão”, fará ressoar a violência que atravessa a história do país: “o sangue de presidentes assassinados”, “as bofetadas e o chicote”, “os desembarques de ‘marines’ na China ou no Caribe”, “a Aliança para o Progresso da Coreia e do Viet-Nam”, “o assalto ao México e às Filipinas”, “a mística do povo eleito por Jeová e Calvino para instituir o Fundo Monetário”, “a cadeira elétrica”, “a câmara de gás”.

“Negro” e “cego”, adjetivos que explicitam a condição do cantor, marcam também, agora negativamente, condição coletiva. Ray Charles é “cego”

como aqueles que são cegos, não por doença ingênita ou adquirida, mas por manipulação e/ou alienação: “os que cegaram nas notícias da *United Press*”, “nos programas de televisão”, “nos filmes de Hollywood”, “nos discursos dos políticos”, “nos relatórios das comissões parlamentares de inquérito”. E é “negro”, não pela cor da pele simplesmente, mas pelo simbolismo que o vocábulo traz tradicionalmente consigo, e se irradia a toda a situação: “E é negro por fora como isso por dentro”.

A partir do final de 1965, ano e meio após redigir o poema, até 1978, ano de sua morte, Sena iria viver e atuar profissionalmente no país que tão criticamente retrata: “América, América, I Love You”.

* Professor de Literatura Portuguesa na Universidade Federal do Paraná. É mestre pela mesma instituição e doutor pela UNICAMP, em Teoria e História Literária, com a tese *Aquém-além-mar: presenças portuguesas em Machado de Assis*. É também poeta, tendo publicado até o momento seis livros, o mais recente deles, *Antologia poética* (Kotter e Ateliê Editorial, 2017).